

JOÃO CÉSAR DAS NEVES

A HOMOSSEXUALIDADE É IMORAL. FAZER UM ABORTO É O MESMO QUE MATAR UMA CRIANÇA. A SOCIEDADE SERIA MAIS FELIZ SE PUSESSE A FELICIDADE ACIMA DOS PRAZERES CARNAIS. O PRESERVATIVO TORNA A RELAÇÃO DE UM CASAL UMA COISA MECÂNICA E INCOMPLETA. AS OPINIÕES DE UM DOS MAIS REPUTADOS ECONOMISTAS PORTUGUESES, PROFESSOR UNIVERSITÁRIO E EX-CONSULTOR DE CAVACO SILVA

«Qualquer dia a pedofilia vai acabar por ser legalizada»

Entrevista > José Eduardo Fialho Gouveia

No passado dia 2 de Fevereiro o tribunal decidiu que teria de responder por afirmações insultuosas contra os homossexuais. No despacho de pronúncia a juíza argumenta que "o arguido não se limitou a dizer, por exemplo, que não concorda com as práticas homossexuais. O arguido equivale os actos homossexuais ao crime de pedofilia, refere que os recentes casos de pedofilia são todos, mesmo todos, homossexuais, equipara os homossexuais aos drogados e considera-os doentes". Como comenta?

Essas afirmações foram retiradas de um contexto. Relativamente à relação entre a homossexualidade e a pedofilia, limitei-me a constatar os factos das notícias que estavam a vir a público. Esse era um dado objectivo. Afirmar que eu disse que isso acontecia em todos os casos e em todos os momentos é fazer uma manipulação. As pessoas não souberam ler o que escrevi e gerou-se uma onda de protesto. Estava a falar sobre outra questão que é de longe a mais importante. Estava a falar sobre a mudança de atitude da sociedade relativamente a coisas que estão a destruir a família. E, ao destruir a família, estamos a destruir o futuro do país.

Que coisas?

A obsessão da nossa sociedade pelo prazer. Isso é evidente. Basta ligar a televisão e olhar para as revistas. Essa obsessão está a levar à decadência da sociedade. Era este o ponto principal do artigo, que, entre outras coisas, falava da homossexualidade. Parece-me evidente que não ofendi ninguém, até porque falei sempre em termos abstractos. Fui usado como bandeira de uma luta político-social. Se há alguma vítima aqui sou eu, que tenho sido insultado e enxovalhado sucessivamente.

O despacho da juíza diz que comparou os homossexuais com drogados e que os considera doentes...

Isso não está escrito em lado nenhum. É evidente que há algumas semelhanças. Foi isso que eu disse.

Que semelhanças?

É um comportamento anormal. Há 30 ou 40 anos, a homossexualidade e a pedofilia eram consideradas iguais. Hoje a homossexualidade é uma coisa normalíssima e a pedofilia é uma coisa horrível. Provavelmente, daqui a uns tempos serão as duas normais. Na Grécia Antiga era isso que se passava. Foi exactamente isto que eu disse. Fiz simplesmente uma previsão. Pode estar-se ou não de acordo, mas não insultei ninguém. A sociedade, ao longo dos tempos, sempre considerou a homossexualidade um comportamento aberrante. A Igreja afirma isso mesmo em vários documentos. Afirma que é um comportamento estranho. Foi isso que eu disse. Disse aquilo que toda a gente em Portugal sabe que é verdade. E estou em tribunal por dizê-lo. O que é aberrante é o processo, não a afirmação. A única pessoa que está a ser acusada e insultada sou eu.

Mas vê a homossexualidade como algo patológico?

Não sou especialista em medicina. Digo que é um comportamento desviado, como diz o próprio catecismo da Igreja Católica. Não é normal e por isso tem que ser considerado como uma coisa estranha, que não é recomendável.

O que a Igreja diz é regra?

O que a Igreja diz é a minha opinião. Tenho direito a tê-la. Não a quero impor, não quero mandar ninguém para a cadeia, não quero perseguir ninguém, mas tenho direito a tê-la. Nos textos que escrevi disse várias vezes que as pessoas devem ser respeitadas. Sempre disse que respeito as pessoas. Mais: amo-as, como cristão que sou. Não posso é aceitar coisas com que não concordo.

Porque é que não concorda?

Porque a homossexualidade é uma relação que vai contra a própria natureza do corpo humano. Está fechada à vida. Não é uma relação normal.

É imoral?

É. Penso que sim. É um acto contra aquilo que entendo como moral. Que é o mesmo que a maioria dos portugueses entendem. Não estou a dizer nada de novo. E, de repente, estou em tribunal por dizer uma coisa que está escrita em milhares de sítios. O que é que é anormal? É o facto de eu dizer isto ou estar em tribunal por dizer isto?

Escreveu no "Diário de Notícias" que "hoje são os homossexuais que querem legalizar a sua união como igual ao casamento. Amanhã será a poligamia, depois o incesto, depois – porque não? – a bestialidade". Acredita sinceramente que são realidades comparáveis?

Claro que não. Mas repare: há 100 anos as senhoras não podiam mostrar o tornozelo e hoje estamos a falar da homossexualidade. Pelo meio, a pornografia tornou-se normal e uma enorme quantidade de coisas tornaram-se normais...

E não é melhor que as mulheres possam hoje mostrar o tornozelo, se quiserem?

O ponto não é esse. O meu ponto é esta cavalgada de uma sociedade que está cada vez mais obcecada pelo prazer. E que acha que tudo o que dá prazer, independentemente das consequências, deve ser aceite. Já assistimos a isto noutras sociedades e o resultado foi sempre a decadência. Hoje estamos a discutir os casais homossexuais, algo que seria impensável para os nossos avós. Quem me garante que aquilo que hoje é absolutamente indescritível não poderá ser considerado normal pelos nossos netos? Fiz simplesmente isso. Fiz uma extrapolação a partir da evolução dos últimos 100 anos. Hoje há pessoas que lutam pelos direitos dos casais homossexuais como se fosse algo inalienável. Há 30 anos isso seria impensável...

Mas isso prejudica alguém?

Claro que prejudica. Prejudica a família.

Porquê?

Isto não pode ser visto isoladamente. Vem na sequência de outras coisas. Hoje temos livros de educação sexual que incitam as crianças do ensino básico à masturbação. O que está em causa é uma nova filosofia de vida.

Parece-lhe mal que haja educação sexual nas escolas?

Não. Parece-me mal a educação sexual que o Estado está a impor às nossas crianças. Se os pais soubessem o que o Ministério da Educação está a propor através dos manuais ficariam horrorizados.

O que é que o Ministério da Educação está a propor?

Que tudo é igual, que tudo é equivalente, que a masturbação é uma coisa perfeitamente razoável, que as crianças devem descobrir a sexualidade umas com as outras...

A masturbação não é uma prática razoável?

Claro que não. Nunca foi. O sexo é uma força extraordinariamente poderosa que define a nossa vida. Por isso mesmo é que todas as sociedades, ao longo de todos os tempos, tentaram arranjar costumes, hábitos e regras para controlar esta coisa, que, quando não controlada, nos domina completamente. Vivemos na primeira sociedade que achou que todas estas regras deviam ser eliminadas. A consequência é o que estamos a ver: desorganização emocional da generalidade das pessoas, quedas brutais da taxa de natalidade, droga, divórcios, famílias com casas destruídas...

Porque é que a masturbação não é razoável?

Porque é um desvio da acção sexual. A pessoa fica cada vez mais agarrada ao prazer, deixa-se controlar pelo prazer. Isso distorce a personalidade.

A masturbação vicia? É isso que está a dizer?

Estou a dizer que o sexo tem um poder enorme sobre a nossa vida e que, por isso, devemos ter uma atitude equilibrada. Até hoje só houve uma revolução sexual na História e foi a Igreja que a fez. Antes da Igreja era o deboche absoluto, com regras muito sortidas. Abandonar a Igreja significa voltar ao mesmo. Por isso é que digo



que qualquer dia a pedofilia vai acabar por ser legalizada. Tal como era normal na Grécia Antiga e em Roma. Estamos a demolir uma estrutura com dois mil anos e estamos a viver os problemas da droga, do suicídio, da desorganização das famílias, do abandono dos mais velhos... Uma enorme quantidade de problemas que todos os estudos sociológicos sérios mostram que estão relacionados com a destruição da família e com a sede de prazer. A nossa obsessão pelo prazer carnal está a destruir a sociedade e a criar a decadência, como criou noutras sociedades. O nosso tempo é um tempo de excessos. A falta de regras passou a ser uma coisa normal. O resultado está à vista. A nossa sociedade não é mais feliz, porque se entregou completamente ao prazer carnal.

Admite que pode estar errado?

Claro que admito. Estou permanentemente a admitir que posso estar errado. Como cientista que sou, estou constantemente a pôr-me em causa. Mas quanto mais olho para a realidade mais confirmo esta tese.

A sociedade seria mais feliz se houvesse menos homossexuais e as pessoas se masturbassem menos?

Não é essa a questão. A sociedade seria mais feliz se pusesse a felicidade acima dos prazeres carnis. O meu problema não é com os homossexuais. O problema é de uma atitude generalizada orientada para o prazer, e não apenas para o prazer sexual.

Qual é a solução?

O ser humano tem que se limitar a si próprio nestes prazeres. Não se pode deixar levar pelo prazer do jogo, do sexo, da comida, do que quer que seja, porque isso acaba por levar à infelicidade. As pessoas devem viver uma relação sexual dentro de um amor estável e aberto à vida. Nesse tipo de relação o sexo torna-se uma força extraordinariamente importante, valiosa, e uma razão de felicidade. Fora disso gera-se sempre uma

perturbação. É esta a posição da Igreja desde sempre. Só não vê quem não quer.

Também condena o uso do preservativo?

Esse também é um exemplo engraçado. Tem-se criticado o Papa por gerar sida por causa do preservativo. Mas a questão do preservativo não se coloca numa relação estável entre marido e mulher. O que a Igreja diz é que a relação sexual, para ser completa, deve ser aberta à vida. O preservativo é uma forma mecânica de tratar a questão. Para quem leva uma vida debochada e ignora as regras da Igreja, o preservativo é um detalhe.

Imaginem um casal heterossexual, perfeitamente estável, que tem três filhos e não quer ter mais...

O que a Igreja tem dito, e é isso que os católicos seguem, é que há meios naturais de controlo dos nas-

«Antes da Igreja era o deboche absoluto. Abandonar a Igreja significa voltar ao mesmo. A nossa obsessão pelo prazer carnal está a destruir a sociedade e a criar a decadência, como criou noutras sociedades»

cimentos. E que os pais devem ter perante o número de filhos uma atitude responsável. Mas que não devem usar coisas que transformem o acto sexual numa simples questão de prazer e não de realização do amor na sua plenitude. E o amor entre um homem e uma mulher, em plenitude, tem que estar aberto à vida. Há outras maneiras de planeamento familiar até mais eficazes. Com o preservativo a relação sexual passa a ser a mesma coisa que comer um pastel de nata. Isso destrói a

André Marques/Arquivo

relação entre marido e mulher. É isto que a Igreja explica com clareza. Quem quiser percebe a grandeza desta visão.

Confesso que não percebi. O que deve fazer este casal que não quer ter mais filhos?

Deve estudar o seu ciclo reprodutivo e centrar as relações sexuais fora do momento fértil.

Qual é o problema de procurar o acto sexual só pelo prazer?

O acto sexual não é só uma questão de prazer. Limitá-lo ao prazer é transformar uma coisa humana numa coisa mecânica, animal.

Juntemos-lhe o amor...

Continua a faltar o outro aspecto.

Mas quando se centra as relações fora do período fértil não continua a faltar essa tal abertura à vida?

Não. O casal está a viver em coerência. Está a tomar uma decisão que tem a ver com os filhos que já teve e com os filhos que não tem. Quando se arranja um interruptor que liga ou desliga as coisas passam a ser mecânicas.

Não podemos fugir da realidade. Temos a sida a alastrar, e as relações sexuais não se passam única e simplesmente entre casais estáveis. Perante esta realidade, a Igreja não está a ser hipócrita quando condena o uso do preservativo?

Não. A Igreja não condena o uso do preservativo. A Igreja condena o deboche. Fazendo o que a Igreja diz, ou seja, tendo relações sexuais dentro do casamento, deixa de haver sida. Se quem viola constantemente as regras da Igreja e leva uma vida debochada deve usar o preservativo? Provavelmente sim. Se se diz que não se deve andar de cara tapada, quem rouba um banco deve ou não tapar a cara? Provavelmente sim. Para roubar o banco é boa ideia andar com a cara tapada. Não andar com a cara tapada é normal. O que não é normal é roubar o banco. O preservativo é um detalhe, e é isso que as pessoas não percebem. Os médicos passam a vida a dizer às pessoas para não fumarem e para não comerem gorduras. Quando se chega à sida, não dizem “não ande por aí no deboche”. Dizem “use o preservativo”. Que é uma coisa que às vezes dá sida, porque não é infalível. Esta ditadura do politicamente correcto é extraordinária. E foi esta ditadura que me pôs em tribunal. Assume-se que o deboche é imparável e intocável. O deboche passou a ser sagrado. Esta sacralização do prazer sexual está a minar a sociedade. É evidente que, ao dizer isto, vou levar a que imensa gente desate às gargalhadas. Mas eles sabem que isto é verdade.

Volto a perguntar: põe a hipótese de estar errado?

Ponho a hipótese de estar errado em todas as coisas que digo, porque não sou detentor da verdade absoluta. Tenho é encontrado pessoas que não admitem a hipótese de estar erradas e que me impõem a sua opinião.

É provável que na próxima legislatura o aborto volte à agenda política. Sobre isto, o que tem a dizer?

Hoje a ciência não tem dúvidas de que um aborto destrói uma vida humana. Estamos a falar da morte de uma pessoa directamente causada por alguém. Devido ao tal fascínio pelo prazer sem limites, já estamos a chegar a um ponto em que negamos a vida a alguém. Isto é gravíssimo. Imaginem uma família que vive um problema económico dramático e que tem uma criança com um ano. Vamos permitir que se mate a criança para resolver o problema dramático? Não. Então porque é que havemos de permitir que isso aconteça meses antes de a criança nascer?

Fazer um aborto é matar uma criança?

Fazer um aborto é matar uma criança. Não é evidente que “aquilo” é uma criança? Dali não vai nascer um piano ou um gato. Vai nascer um ser humano.

E no caso de malformações genéticas?

Vamos matar uma pessoa que é deficiente? É o mesmo tipo de lógica. É a lógica nazi.

E no caso de uma mulher que foi violada?

É a mesma coisa. Houve, de facto, um crime horrível, mas quem morre é a pessoa que não tem culpa!? Dizer que a solução é matar a criança não faz sentido.

A lei holandesa é assassina?

Não quero tratar as coisas nesses termos. Mas é evidente que é uma lei que permite que se mate pessoas no momento mais frágil da sua existência. Isto é uma infâmia. Sempre foi. Estamos a negar a vida àquele embrião só porque nos dá jeito. Este é um fenómeno cultural que vale a pena estudar.

